

PENNA, AGULHA E COLHER

Directora Zenir Alcáa (Cai-a 12)

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Supplemento da Epoca (A IX)



Falta os N^{os} 33-34-35-36-37-38-39

Anno II

Florianopolis, 31 de Maio de 1919

Num. 39.

Saudades

Minha Heloisa.

Há muito que não tenho o grande prazer de ver o teu nome nas columnas da P., A. e C., e isto, bem o sabes, sobremaneira me entristece.

Tenho procurado descobrir a causa do teu silencio, mas qual! não o consigo.

Tambem já resolvi ir fazer-te uma visita, e assim ficar sabendo o que te impede de aproveitares, em beneficio das donas e donzellas, o teu talento de escol.

Tem-me sido, porém, impossivel, dispor do tempo a meu bel prazer; comtudo não ficará em projecto a visita, e então saberás claramente que não foi por falta de vontade que não fui logo inquirir o motivo do teu desaparelhamento.

Heloisa minha, um pedido te faço desde já: não augmentes a minha tristeza com a tua deserção, eu t'ó peço encarecidamente, em nome da mulher catharinense. Demais, no serviço de Deus devem ser empregados os dons que sua liberalidade nos outorgou; por que então não manejar a penna num jornal que instrue e recreia, infiltrando nas almas juvenis o amor do bello e do justo, que é o mesmo que dizer — o amor de Deus e da virtude?

Não, Heloisa, não sejas do numero das desertoras e remissas collegas! Si é culpavel a inconstância das outras, muito mais o será a tua, Heloisa, pois — *quem mais recebeu mais deve dar...*

Um triste pensamento tive agora: estarás doente, minha amiga? Oxalá que não! mas, si for a doença a causadora do teu silencio, que o bom Deus te restitua quanto antes

a saude, para que as leitoras da P., A. e C., que já deram pela tua falta, se regosijem em breve com o teu reaparecimento.

Como sempre, é tambem hoje escasso o tempo de que disponho, por isso aqui fico, embalada na doce esperanza de ver dentro em pouco o teu nome, qual estrella de primeira grandeza, a refulgir nas pequeninas paginas do nosso porta-voz, que espera na boa vontade dos amigos da Boa Imprensa — os quaes, mercê de Deus, não dormirão eternamente o prejudicial somno do indifferentismo — para poder tornar-se grande e forte, amado e procurado por quem o devia procurar e amar, apesar de pequenino!...

Saudosa te abraça a amiga

Zenir Alcáa.

As rosas da Virgem

A' amiguinha I. A.

Além, derramando sobre as quietas aguas da bahia catadupas de ouro, o sol ia aos poucos immergindo nas profundezas do oceano; as ondinas beijavam dolentes a branca areia da praia. Era uma bella tarde de maio.

Branca, sentada sobre uma pedra, embestia-se naquella espectaculo majestoso... A sua imaginação, porém, estava longe, nuns olhos pretos fascinantes... e Branca scismava naquella proxima "nião, que a faria feliz, rica, muito rica! Sim, em breve deixaria aquelle ermo, aquella casa acanhada em que nascera e vivera tão tranquilla, para ir habitar o lindo palacete da capital que o noivo estava a preparar-lhe. E Branca sonhava com as festas, os bailes, os passeios, que tudo lhe havia promettido o seu querido Othon...

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

—o—

Num voltear involuntario da graciosa cabeçinha, Branca deixou cahir os olhares distrahdidos sobre a casinha paterna, assente lá mais acima; o ultimo raio do sol banhava de luz a humilde fachada, que, á falta de belleza architectonica, era emmoldurada pelos virentes galhos de uma roseira em flor; na janella uma cabeça encanecida... A mocinha estremeceu á vista daquella quadro, e num instante a imaginação fixou-se alli, na pequena alcova daquella casinha: sobre o leito de morte jazia uma mulher moça ainda; meio inclinado um robusto homem do mar dava-lhe a beijar o toscó crucifixo, emquanto dos olhos as lagrimas cahiam silenciosas, mas eloquentes; Branca tambem alli estava, debruçada sobre a enferma, soltando soluços angustiadados, pois que não podia admittir que a morte viesse roubar-lhe os carinhos da mãe extremosa. E no meio daquella dôr ella ouviu uma voz debil, quasi um gemido:

— Branca, minha filha, eu morro, mas...

— Não, mãe da minh' alma! soluçou a menina.

— Ouve, filha, eu morro, sim; mas tu não esqueces as rosas, Branquinha? São todas para a Virgem da capella, todas! Em maio, como sempre fomos, juntas, vai, filha, sim? promettes?

— Ai! mãe da minh' alma! continuava a soluçar a pobrezinha.

— Promettes, Branquinha?

— Sim, sim, mamãe! Branca soluçava ainda mais angustiada.

Num supremo esforço a moribunda tomou as mãos do esposo e da filha e apertou-as em contacto com o crucifixo sobre o coração: assim exhalou o derradeiro suspiro...

Branca voltou a si daquella recordação triste... Oh! como tinha ella cumprido a solenne promessa! Duas vezes já passára maio sem que se lembrasse de realizar o compromisso filial. E aquellas rosas, quantas e quantas não tinham ornado o peito de Othon?! Oh! era um roubo que ella fizera á Virgem! E o pae querido, que alli estava na janella, quanto soffrera de vel-a assim teimosa no seu proposito de casar-se com aquelle joven elegante, que ninguem sabia dizer quem era... Ah! e o pobre pae não sabia do peor; não, elle não sabia que Othon nada queria saber de casamento na igreja; elle não sabia que a menina de seus olhos, a sua adorada Branquinha, ia abandonal-o alli sózinho para ir

realisar o casamento civil no palacete da capital, conforme Othon lhe fizera ver; e ella acceitára tudo incondicionalmente, porque amava perdidamente o noivo e... era ambiciosa... As lagrimas correram-lhe pelas faces... De repente o som argentino do bronze da capellinha quebrou o silencio solenne daquellas praias e veio repercutir, como um terno convite da Mãe de Deus, no coração de Branca.

— Não, murmurou resoluta a mocinha, Othon não é digno de mim! Não, a felicidade que me promette não pode durar: é fallaz, é mentirosa, não póde durar!

E Branca tomou uma resolução: correu para casa e soffrega colheu as rosas brancas, emquanto o pobre velho, que ali estivera a observar, não podia explicar-se; e Branca deixou-o ainda mais perplexo, quando, com um feixe de rosas, sahiu apressada, subiu a pequena ladeira que conduz ao largozinho da igreja, atravessou aquelle e sumiu-se na penumbra do modesto templo; nem mesmo reparou nos moradores do lugar, que soltavam exclamações por verem-na entrar na igreja com o bello ramallete, ella que ha tanto tempo não apparecia alli.

— Olha, dizia um, a Branca do Leopoldo veio trazer as rosas da mãe! Com certeza é para pedir perdão do peccado que vai fazer!—

— Qual! isto é para enganar o pae!

— Pois eu cá penso que seja um milagre de Nossa Senhora.

O sino acabava de tocar e a devoção do mez mariano começou.

A lua expandia a sua meiga claridade, indo mirar-se no espelho das aguas, quando o povo sahia da capellinha. Branca deixou-se ficar com os olhos pregados na imagem da Virgem, toda ornada com as suas rosas; por muito tempo ella assim ficou rezando...

Depois sahiu, desceu o pequeno declive que leva á praia e dirigiu-se para a branca e amada casinha, que, banhada pela luz suave da lua, lhe parecia mais encantadora do que nunca. Branca transpoz a porteirinha e num instante estava nos braços do pae:

— Papae, eu sou como o filho prodigo... volto a teus braços!

O velho comprehendeu emfim. Sem poder articular uma palavra, sorria entre as lagrimas e beijava a cabeça da filha; só depois de algum tempo disse, dirigindo o olhar para o crucifixo dependurado á parede:

— Meu Senhor, eu vos agradeço!

— Sim, papae, demos graças a Deus! E, desprendendo-se dos paternos braços, tirou da parede o crucifixo, o mesmo que servira á mãe moribunda; então pae e filha, abraçados, achegaram ao peito o santo Christo, e Branca, com uma voz que a emoção tornava solenne, disse:

— Papae, Deus te restitue a tua Branca, porque mamãe falou pelas «rosas da Virgem»...

C. de C. V.

Florianopolis, Maio de 1919.

9) E. STANGEN

Sonho de outomno

(Traducção de Nora Sanfelice)

No dia do casamento, quando os felizes jovens, ao morrer do sol d'inverno, se dirigiam para casa, para seu querido Walderswyl, tomara ella o expresso e partira... E agora está na Riviera, e olha de sua sacada para as ondas do Mediterraneo.

— Senhora condessa!

Ella se vira e vê no limiar da porta o *groom* do hotel, que appellidára «meu pequeno Pierrot».

Elle lhe entrega uma volumosa carta, e seus olhos páiram com enthusiasmo na condessa, que ainda é tão bonita, tão juvenil, e já tem os cabellos tão brancos, brancos como a neve.

O rosto do rapaz está vermelho e um pouco inchado.

— Então, meu pequeno Pierrot, diz a condessa Alwa com benevolencia, que te aconteceu?

E então as lagrimas brotam dos olhos do pequeno, que sempre traz a librê com tanto garbo. E com palavras cortadas pelo soluço, conta todo o seu pezar: que tinha sido infeliz no servir; que tinha quebrado um lindo copo de crystal, e que o primeiro adegueiro lhe tinha puxado a orelha; que não se sentia bem nesse hotel, tão desamparado, tão só se sentia...

— Meu pobre pierrotzinho, diz a condessa Alwa novamente com brandura, tem paciencia, e diz-me o que desejas como presente de natal.

Seus olhinhos olham com incerteza e pavor, mas as lagrimas cessaram.

— Então, encoraja a condessa Alwa, diz: que desejas, Pierrot?

Um sorriso illumina seu moreno rosto de creança.

— Desejava ficar em sua companhia, senhora condessa, para sempre, sempre... desejava ser seu creado!

A condessa Orlaburg sorri com vehemencia. Ah! está uma pessoa que quer ficar com ella, que a seu modo a ama sinceramente. Ella colloca sua mão, a branca e fina mão, na cabeça do menino:

— Está bem, Pierrot, vae dizer a teu patrão que eu quero levar-te.

Os olhos do rapaz brilham como duas velas de natal.

Finalmente deu ella á sua alma uma verdadeira alegria.

A condessa Orlaburg abre a carta.

Dois retratos embrulhados em papel de seda caem em sua mão. Depressa erram seus olhos pelas linhas que Ruth escreve; como elles são felizes, e como é lindo Wilderswyl no inverno, e como sentiam que a adorada tia passasse longe o dia de natal. Suas mãos soltam o papel que circunda os retratos.

Ah!... sim, é o esbelto corpo de Endymion,

é a bella cabeça que tanto se parece com o capitel de Praxiteles. São os olhos que ella nunca poderá esquecer... nunca... A condessa Alwa olha para o outro lado, onde, bem ao findar do muro, o botão de aloes quer desabrochar, o botão que deve a vida á terra onde nasceu.

E depois desaparece tudo, toda a belleza do sul; desaparece tudo de sua vista, escuridica por uma lagrima...

Mas sua mão limpa a lagrima, e novamente erram os olhos pela paizagem.

— Um sonho, murmura ella, baixo, bem baixo, meu ultimo sonho, lindo e cruel como o botão de aloes...

FIM.

Receitas

MIMO DE DEDÉ

2 pratos de polvilho, 1 prato de fubá, 1 prato de queijo ralado, 12 ovos, 1 chicara de banha, uma colher de manteiga; amassa-se com leite até ficar a massa no ponto de se enrolarem os biscoitos.

ADALIUS.

MOUSSELINA DE CHOCOLATE.

Misturam-se tres colheres de chocolate em pó com 150 grs. de assucar; depois juntam-se tres gemmas, duas colheres de farinha de trigo, uma pitada de sal e tres claras bem batidas. Bate-se bem. Assa-se em fôrma untada com manteiga. Forno brando. Depois de esfriar um pouco, tira-se da fôrma.

ADALIUS.

Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

D. Francisca, dona do hotel.

Rosa, sua sobrinha.

Crescencia, cozinheira.

Estudantes: Carmen, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

Uma sala do hotel «A gança dourada»; no meio uma mesa grande com cadeiras ao redor. Um relógio na parede.

SCENA I

(Continuação)

Carmen — (toma o caderno de desenho e o lapis e senta-se em frente da hoteleira) Sim, feche a bocca, e muito bem fechada! E eu por enquanto, tomo a liberdade de tirar o seu retrato, Exma. Sra. D. Francisca dos Gan-

ços! (As meninas riem; D. Francisca olha raivosa para Carmen e continua a fazer meia.)

Judith — (sentando-se ao lado de D. Francisca) E eu tocarei um pouco de bandolim, para que a hora não lhe pareça demasiadamente longa, D. Francisca Dourada!

Margarida — E nós tres cantaremos, para distrahir-a dos seus pezares! (Marg., Emma e Leonor cantam:)

Que bello *pimentão!* (apontam para o nariz de D. Franc., que deve ser bem vermelho).

Oh! nunca vi assim
Tão grande, tão formoso,
E rubro qual rubim!

(Repetem uma ou duas vezes. As outras riem)

Carmen — (continuando a desenhar) Emma, faz o favor de ir buscar a minha caixa de tintas, pois deve ficar prompto hoje o retrato da minha bella amiga, D. Francisca! (Emma sae; D. Francisca faz uma cara muito feia) Faça um rosto mais amavel, minha senhora, pois desejo mandar seu retrato para a primeira exposição que houver no Rio de Janeiro!

Leonor — Escutem, meninas: que me dirão vocês si eu as convidar para dançar? (Todas batem palmas, de alegria)

Todas — Bravo! Magnifica idéa!

Emma — (voltando com a caixa de tintas) Por que estão tão alegres? Ella já falou? (D. Francisca abana a cabeça com ar de triumpho.)

Carmen — Não! Está firme como um rochedo!

Leonor — Continuemos, porém, a distrahir-a para que o tempo passe mais depressa!

Margarida — (baixo, ás companheiras) E para ver si salvamos os 100\$000!

Carmen — (levanta-se e inclina-se deante de Leonor) Distincta Senhorita, não me dá a honra? (Leonor levanta-se e dá-lhe o braço.)

Emma — (idem, diante de Margarida) E a Senhorita não me acompanhará? (Margarida levanta-se e dá-lhe o braço.)

Judith — (começa a tocar bandolim e os dois pares dançam.)

Sexto torneio charadistico

Encerrámol-o a 29 de Março. A 19 do corrente expirava o prazo para a recepção de soluções.

Hoje vimos dar conta ás batalhadoras dos *Dominios da Espinghe* do resultado dessa renhida pugna charadistica.

Couberam os dois primeiros lugares entre as decifradoras ás senhoritas Blandina e Maria do Carmo Nunes Pires (Blumenau), ambas com 60 pontos.

A composição julgada melhor foi o logogripho n.º 31 — *Providencia Divina* — de Nize. Nossos parabens ás vencedoras, cujos premios estão a seu dispor.

Enviaram tambem soluções: Stella Mariana (Tubarão) 56; d. Iracema Aducci, 54; d. Edésia Aducci, 53; Heloisa (Palhoça), 40 e Tita, 11.

Decifrações

1 Mandarim. 2 Reclama. 3 Vaganau. 4 Fidalgo-figo. 5 Antenna-Anna. 6 Jamaica-jaca. 7 Pacote-pacó. 8 Pagode-pago. 9 Sapoti-sapo, ou Sapota-sapo. 10 Desdita. 11 Mirabella. 12 Archeiro. 13 Fereza. 14 Doente. 15 Sequito. 16 Vasa-barris. 17 Promotor. 18 Livraria. 19 Pretorio. 20 Arcadia. 21 Pelago. 22 Retribuindo. 23 Familia. 24 Cartola. 25 Sapato. 25 (a) Falaca-faca. 26 Ancolia. 27 Solar. 28 Mascate. 29 Odelouca. 30 Usurario. 31 Providencia Divina. 32 Jesus, Maria, José. 33 Serenata. 34 Viola. 35 Bailarico. 36 Chapecó-chá. 37 Perusia-peru'. 38 Uruguayana-Uruguay. 39 Morreu. 40 Salutar. 41 Operario. 42 Jumentajuta. 43 Matrona-mana. 44 Palhaço-paço. 45 Relogio-regio. 46 Carneiro-carro. 47 Papão-pão. 48 Moleque-leque. 49 Papel-pá. 50 Regrârê. 51 Cajá. 52 Avelã. 53 Gregório. 54 Agradecimento. 55 Monte Calvario. 56 Moradia. 57 Vigario. 58 Lima-limão. 59 Leira-leirão. 60 Malfeitor. 61 Navio. 62 Donativo. 63 Es-mola. 64 Timorato-rato. 65 Emerentina-tina, ou Diamantina-tina. 66 Basalto-salto.

DOMINIOS DA ESPHINGE

7.º TORNEIO CHARADISTICO

(Abril, Maio e Junho)

Tres premios ás vencedoras

29 e 30) NOVISSIMAS

O instrumento cahiu na bebida, sr. governador — 1,1.

Neste momento encontrei na gruta a planta — 1,2. E. A.

31 — 33) SYNCOPADAS

3 — Este menino não é baixo — 2.

3 — Este armario não é barato — 2.

3 — Coragem, meu patrão — 2. I. A.

Pedimos desculpas ás nossas favorecedoras da não publicação do nosso numero do dia 24 de Maio. Se Deus quizer, tal falta não se repetirá. Temos até toda a esperanza de que entrará a «P., A. e C.» numa phase brilhante.

PARA FAZER DA «PENNA, AGULHA E COLHER» UM JORNAL ILLUSTRADO.

Uma Filha de Maria
Quantia já publicada

10\$000
109\$000

Somma até 18-V

119\$000



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.